

significativas em relação às respostas dos grupos para todas as perguntas. Foram entrevistadas 44 gestantes entre 18 e 42 anos, com média de idade de 25,9 anos. 79,5% não estavam na primeira gestação e 65,9% nunca realizou consulta odontológica durante a gravidez. Metade das entrevistadas acredita que não podem realizar radiografias dentárias e 54,5% que não podem fazer tratamento dentário usando anestesia local; 81,8% não acha que tem maiores riscos de perder os dentes e 72,7% das gestantes acha que, durante a gravidez, os dentes ficam mais fracos e, por isso, podem aparecer cáries. No final da pesquisa foi realizado um material publicitário com informações sobre o atendimento/tratamento odontológico durante a gravidez para ser entregue para as gestantes.

Palavras-chave: gestantes; tratamento odontológico; crenças

2957

FRATURA DE MANDÍBULA COM TRATAMENTO CONSERVADOR EM PACIENTE PEDIÁTRICO: RELATO DE CASO
LEANDRO RIOS GUIDOLIN; ÉRICA BUGONE; LUIZA BASTOS NOZARI; AMÁLIA PLETSCH; TAÍSE SIMONETTI;
CAROLINE HOFFMANN BUENO ; RAISSA NSENSELE NYARWAYA; BRUNA PIRES PORTO; CLARISSA KLOHS;
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Introdução: As fraturas de face na infância são geralmente decorrentes de traumas de alta energia. Traumas que acometem o bloco dento-alveolar apresentam alta incidência e podem aparecer isoladas ou concomitantes. Na infância, a complexidade do tratamento está relacionado à fase do crescimento facial, do tipo de fratura e do grau de desenvolvimento dos dentes. Quando tratadas inadequadamente podem resultar em problemas estéticos e funcionais, tais como dentes mal formados ou em má posição, perda precoce de dentes, ou mesmo alterações no crescimento facial. Fraturas ósseas em pacientes com dentição decídua ocorrem próximo às estruturas dentárias, toda a atenção deverá ser empenhada, no sentido de não só de manter os elementos dentários em posição, mas também de evitar o mal desenvolvimento do elemento dentário permanente, ainda incluso. O objetivo deste estudo de caso é relatar o tratamento cirúrgico conservador de fratura mandibular em paciente pediátrico. **Descrição do caso:** Paciente do sexo masculino, 4 anos, compareceu ao serviço de Cirurgia e Traumatologia Bucocomaxilofacial do Hospital de Pronto Socorro de Porto Alegre após queda de móvel doméstico (armário) sob seu corpo, causando trauma em face, queixando-se de cefaleia e dor dentária. Ao exame clínico apresentava dentição decídua, sangramento em cavidade oral, instabilidade oclusal, dificuldade de movimentação mandibular e crepitação óssea em região dos elementos dentários inferiores. No exame de tomografia computadorizada de face observou-se fratura completa em região de parassínfise mandibular, lado direito, com deslocamento e envolvimento ósseo alveolar. O paciente foi submetido a procedimento cirúrgico sob anestesia geral, para redução dos fragmentos ósseos e estabilização através de esplintagem dental com fio de aço número 1 e resina composta fotopolimerizável. Após o restabelecimento da oclusão e do controle doloroso o paciente recebeu alta hospitalar e manteve acompanhamento clínico periódico por 42 dias pós operatórios, com um desfecho favorável. **Conclusão:** Fraturas isoladas, em paciente em crescimento, costumam ser tratadas conservadoramente por meio de redução fechada. Observou-se que o potencial osteogênico em criança acompanhado da adequada esplintagem dental promoveu estabilidade dos segmentos ósseos, gerou favorável remodelação óssea e evitou a realização de procedimentos cirúrgicos invasivos com instalação de placas de osteossíntese, preservando a odontogênese do dente permanente.

OFTALMOLOGIA E OTORRINOLARINGOLOGIA

2837

IDENTIFICAÇÃO DE TRÊS CASOS DE CERATITE AMEBIANA NUM CURTO PERÍODO DE TEMPO NO SUL DO BRASIL
DENISE LEAL DOS SANTOS; VERIDIANA GOMES VIRGINIO; FRANCISCO KERCHER BERTÉ; DIANE RUSCHEL
MARINHO; SERGIO KWITKO; CLAUDETE INÊS LOCATELLI; EDUARDA CORREA FREITAS; MARILISE BRITTES ROTT
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Introdução: Acanthamoeba é um gênero pertencente às amebas de vida livre. Pode ser encontrado no solo, ar e água e causar doenças como a ceratite amebiana (CA), acometendo geralmente usuários de lentes de contato (LC), devido à falta de higiene no manuseio das lentes e estojos de conservação. O diagnóstico inicial da CA pode ser confundido com outras doenças, acarretando atraso no tratamento, podendo levar à perda da visão. Além disso, o gênero Acanthamoeba é considerado o “cavalo de Troia” do mundo microbiano disseminando assim bactérias e fungos. **Objetivo:** Isolar e identificar o gênero Acanthamoeba, através de cultivo e PCR, auxiliando no diagnóstico e tratamento de CA. **Métodos:** Em 2019 raspados de córnea, LC e líquido do estojo das lentes de três pacientes com suspeita de CA que consultaram no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, durante os meses de janeiro, fevereiro e março, respectivamente, foram coletados e enviados ao laboratório de Parasitologia/UFRGS. As amostras foram cultivadas em placas de Petri contendo ágar não-nutritivo 1,5% com sobrecamada de Escherichia coli. As placas foram incubadas a 30° C e observadas ao microscópio óptico após 24 h. Das amostras positivas, foi extraído DNA e realizada PCR para determinação da espécie/genótipo e presença de endossimbionte. Todos os pacientes foram entrevistados. **Resultados:** Todos os pacientes eram usuários de lentes de contato gelatinosas e usavam solução multiuso e fisiológica na limpeza de suas lentes. Usavam as lentes durante banhos de piscina e chuveiro. Os sintomas relatados foram dor, fotofobia e baixa acuidade visual. Todos tiveram seu tratamento atrasado devido a diagnósticos iniciais de outras patologias que não CA. Apenas um paciente não realizou transplante de córnea. Um dos pacientes teve CA bilateral e na amostra do olho esquerdo foi encontrado um endossimbionte: Candidatus paracaedibacter carregado por Acanthamoeba spp. Esse paciente necessitou de transplante em ambos os olhos. As amostras foram identificadas como pertencentes ao gênero Acanthamoeba e do genótipo T4, um dos mais relacionados aos casos de CA. **Conclusão:** Os métodos de cultivo celular e diagnóstico molecular são ferramentas importantes para confirmação da doença

e instituição do tratamento adequado o mais breve possível, evitando-se consequências como transplante de córnea e /ou perda da visão. A presença de um endossimbionte internalizado em Acanthamoeba pode ser responsável por um quadro de ceratite mais exacerbado.

2953

ANÁLISE COMPARATIVA DAS CARACTERÍSTICAS MORFOLÓGICAS E BIOMECÂNICAS DA MEMBRANA AMNIÓTICA EQUINA, CANINA, SUÍNA E OVINA COM A MEMBRANA AMNIÓTICA HUMANA

MICHELLE BECKER PETERSEN; EDUARDA CORREA FREITAS; MAIARA POERSCH; CLAUDETE INES LOCATELLI CLOCATELLI; ANA BÁRBARA FORMENTON; JAKSON MANFREDINI VASSOLER; SÉRGIO KWITKO; DIANE RUSCHEL MARINHO; JOÃO ANTONIO PIGATTO;

HCPA - Hospital de Clínicas de Porto Alegre

Introdução: O uso da membrana amniótica (MA) tem se consolidado no tratamento das doenças da superfície ocular. Devido a possibilidade de usá-la como xenoenxertos, e a maior facilidade de acesso, a utilização de MA de origem animal vem sendo discutida. No entanto, a literatura ainda carece de informações sobre as características das MA de origem animal.

Objetivo: Comparar as características morfológicas, biomecânicas e histológicas das MA das espécies equina, canina, suína e ovina com a MA humana.

Metodologia: As placentas foram coletadas após o parto. Posteriormente, realizou-se a separação manual do MA e o córion, e a MA foi criopreservadas em DMEM e glicerina (1:1) à -80°C, por 60 dias. Avaliou-se a transparência, a espessura, a histologia, a força máxima, e a rigidez das MA animais e humana.

Resultados: As amostras ovinas, suínas e caninas apresentaram transparência máxima, enquanto que as amostras equinas e humanas apresentaram o mesmo grau de transparência (ligeira nebulosidade, que não prejudica a leitura). A amostras suínas e caninas mediram em média 0,028mm, enquanto que as ovinas mediram 0,015mm. As amostras equinas e humanas mediram 0,059mm e 0,063mm respectivamente. Na análise histológica, as amostras equinas e humanas foram as mais similares. As características mecânicas mais relevantes, foram a força máxima (força em N exercida até a ruptura da amostra) e a rigidez do componente (gerado através de uma curva de força x deslocamento). As amostras equinas apresentaram a maior força máxima média (5,21 N), seguido das humanas (2,17 N), ovinas (1,35 N), caninas (1,34 N) e suínas (0,52 N). Quanto a rigidez do componente a maior média também foi das amostras equinas (0,91N/mm), seguido das humanas (0,51N/mm), ovinas (0,46N/mm), caninas (0,27N/mm), e suínas (0,15N/mm).

Conclusão: A MA de origem animal mais semelhante com a humana é a equina, uma vez que ambas apresentam o mesmo grau de transparência, espessura aproximada, comportamento histológico e mecânico similares. No aspecto mecânico as amostras equinas podem ser melhores do que as humanas, uma vez que apresentaram uma maior média na força máxima e rigidez do componente.

ONCOLOGIA

3063

INFLUÊNCIA DO GENÓTIPO DO VÍRUS DA HEPATITE C NA RECIDIVA DE HEPATITE C EM TRANSPLANTADOS HEPÁTICOS POR CARCINOMA HEPATOCELULAR

JORDAN BOEIRA DOS SANTOS; RODRIGO TZOVENOS STAROSTA; EMILY FERREIRA SALLES PILAR; JOELSON TOMEDI; CARLOS THADEU SCHMIDT CERSKI; RÚBIA DENISE RUPPENTHAL

HCPA - Hospital de Clínicas de Porto Alegre

Introdução: O vírus da hepatite C (VHC) é um dos principais agentes etiológicos no desenvolvimento do carcinoma hepatocelular (CHC), especialmente em países ocidentais. Apesar de resultados satisfatórios do transplante hepático no tratamento do CHC, estudos demonstram que a recidiva do VHC em pós-transplantados pode provocar manifestações clínicas variadas de acordo com o genótipo viral. **Objetivo:** Avaliar a influência do genótipo do VHC sobre a recidiva da hepatite C em transplantados hepáticos por CHC. **Métodos:** A amostra foi composta por 72 pacientes com histórico de VHC que foram submetidos ao transplante hepático por CHC no Hospital de Clínicas de Porto Alegre no período de 1997 a 2014. Informações clínico-patológicas dos pacientes como sexo, idade, número e diâmetro dos tumores, trombose portal, invasão vascular, recidiva e tempo livre de VHC pós-transplante foram coletadas de prontuários e laudos anatomopatológicos. Os casos foram divididos conforme o genótipo do VHC em 3 grupos (Genótipos 1, 2 e 3). Variáveis quantitativas foram descritas em média±desvio-padrão e as qualitativas por frequência, sendo comparadas pelo teste de Qui-Quadrado no SPSS 18.0. **Resultados:** A média de idade dos participantes foi de 58,14±6,94 anos, sendo em sua maioria constituída por indivíduos do sexo masculino 48 (66,7%). Quanto ao genótipo do VHC, 28 (38,9%) dos pacientes apresentaram o genótipo 1, 6 (8,3%) o genótipo 2 e 38 (52,8%) o genótipo 3. Não houve diferença entre os grupos quanto ao sexo, idade, número e diâmetro dos tumores, apesar da frequência aumentada (53/72 - 74,6%) de tumores menores que 3cm em pacientes com genótipo 3. Em relação às alterações vasculares, a trombose portal e a invasão vascular foram significativamente mais frequentes entre os pacientes com genótipo 3 (p=0,043 e p=0,021, respectivamente). Entre os 29 (40,3%) pacientes transplantados com recidiva do VHC houve predominância do genótipo 3 (15/72 - 39,5%), porém, sem diferença entre os demais genótipos (p=0,937). Entretanto, ao se considerar os pacientes que recidivaram no primeiro ano pós-transplante (13/72 - 44,8%), o genótipo 3 foi encontrado em maior frequência (9/72 - 69,2%, p=0,015), em relação aos que a desenvolveram do segundo ao quinto ano pós-cirurgia. **Conclusão:** Há relação do genótipo do VHC sobre a trombose portal, invasão vascular e tempo de recidiva do VHC pós-transplante, com o genótipo 3 destacando-se com maior incidência entre os demais.